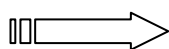


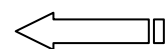
PROCESSO DE SELEÇÃO PARA INGRESSO NO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
(MESTRADO ACADÊMICO) – TURMA 2019 – EDITAL Nº 01/2018

PROVA ESCRITA
CADERNO DE QUESTÕES

12/11/2018



QUESTÃO OBRIGATÓRIA



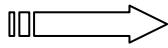
Desde o final da década de 1960, o debate sobre a diferença e algumas de suas derivações, como multiplicidade, heterogeneidade, alteridade, diversidade, desigualdade etc., vêm ganhando cada vez mais atenção tanto na vida social e cultural, como no domínio teórico-conceitual. O emblemático ano de 1968 é um marco histórico na emergência de um conjunto de fenômenos sociais que, em última análise, tem na afirmação da diferença uma reação a um profundo desencanto pelas promessas não cumpridas da modernidade. Amalgamados sob o voluntarismo contestatório da juventude, temas como diferença de raça e de gênero, diversidade sexual, pluralidade de crenças e de ideologias e a defesa da biodiversidade passam a compor uma nova agenda de manifestações políticas e de ativismos sociais, além de promoverem mudanças na ordem dos hábitos e costumes. No âmbito da Geografia, o tema da diferença é mais longo: remonta à Geografia Especial de Varenius, no século XVII; ressurgiu na Geografia Comparada e na individualidade regional de Ritter, no século XIX; desdobra-se no método corológico e na diferenciação de áreas em Hettner e em Hartshorne, no início do século XX; ganha novas feições na concepção de espacialidade diferencial em Lacoste, no mesmo contexto das transformações descritas acima; para, por fim, no início do século XXI, imprimir um novo dinamismo ao espaço geográfico, conforme destacam David Harvey (1992) e Doreen Massey (2008), para quem “o próprio conceito de multiplicidade requer, necessariamente, espacialidade”.

Considerando o preâmbulo acima, escolha uma das questões abaixo para resposta:

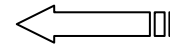
- a) Disserte sobre as condições econômico-estruturais que, conforme David Harvey, desencadearam e deram impulso às mais variadas formas de manifestações da diferença na segunda metade do século XX;
- b) Explique em que sentido a multiplicidade está, na concepção de Doreen Massey, subjacente à espacialidade na contemporaneidade.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 138.



QUESTÕES OPTATIVAS



Questão 01

A Geografia moderna tem sido marcada por debates diversos acerca do objeto de estudo desse campo do conhecimento científico. Moraes (2007) destaca que, embora o epíteto geografia seja empregado desde um passado remoto, em termos científicos há uma imensa controvérsia sobre a matéria tratada por esta disciplina. Em grande medida, essa indefinição é fruto das múltiplas dimensões que são atribuídas à Geografia.

Comumente apresentado como conceito central da Geografia, o espaço é onde o homem organiza as suas atividades produtivas e onde se dão as relações sociais. Ao longo do tempo, o homem se apropriou da natureza visando produzir meios para sua subsistência. Essa apropriação da natureza pelo homem se deu de modo distinto ao longo do tempo, mas configuram Natureza e Sociedade como um par dialético inerente ao espaço geográfico.

Sobre espaço geográfico, Souza (2013, p. 21) alerta: “Tem sido usual, pelo menos para aqueles que não são geógrafos de formação, tomar o adjetivo “geográfico” como sinônimo, em primeiro lugar, de algo que diz respeito aos processos e feições “naturais” da superfície terrestre (formação do relevo, hidrografia, clima etc.), e apenas secundariamente à “ocupação humana””.

Tal concepção fortalece uma das principais dicotomias da Geografia, qual seja, a separação dessa ciência entre uma Geografia Física e outra dita Humana. Essa cisão remete ao século XIX, quando da sistematização da Geografia como um campo disciplinar próprio e foi fortemente influenciada pelo Positivismo.

Diante do exposto, pode-se fazer uma alusão à “evolução” da Geografia na citação de Norbert Elias (1998, p.17), quando diz: “ainda nos servimos amplamente de um aparelho conceitual que traça uma linha demarcatória muito clara entre os planos da integração física, social e individual. [...] Do mesmo modo, a sociedade e a natureza aparecem frequentemente como mundos separados”.

Com base no exposto, analise a presença da dicotomia física – humana na evolução do pensamento geográfico e destaque os desafios e entraves para sua possível superação.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MORAES, Antônio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. 21^a ed. São Paulo: Annablume, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Questão 02

“Explicitemos uma tese central que até aqui está subjacente: os paradigmas não caem do céu. Os paradigmas são instituídos por sujeitos social, histórica e geograficamente situados e, deste modo, a crise desse paradigma é, também, a crise da sociedade e dos sujeitos que o instituíram (Gonçalves, 2001b). Não nos surpreendamos, portanto, quando vemos emergir novos paradigmas e junto com eles novos sujeitos que reivindicam um lugar no mundo. Ou, dito de outra forma, esses sujeitos que muitos chamam novos, embora não o sejam tanto, põem em debate outras questões, outras relações, ele(a)s que tiveram que se forjar em situações assimétricas de poder mas que nem por isso se anularam e, mais do que resistir, R-Existiram, se reinventaram na sua diferença, assim como o europeu é, também, uma invenção na diferença embora na condição de polo dominante no “sistema-mundo”. Afinal, desde que se deu esse extraordinário encontro moderno-colonial (1492), Etienne la Boétie (Boétie, 1982) diria mal-encontro, emergiram culturas e povos diferentes (Baraka)

mostrando-nos um mundo muito mais diverso do que faz crer o olhar colonial eurocêntrico ou que vê mais a lógica do capital do que as lógicas dos que a ele resistem” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 220).

[...]

“Explicitemos, portanto, que a geograficidade nas suas dimensões espacial e natural nos obriga a considerar a simultaneidade dos eventos e não somente a sucessão. Assim, nos é possível ver que aquilo que até aqui tem sido considerado mundo moderno, centrado na dinâmica européia, estadunidense e japonesa é indissociável da colonialidade pois da América Latina e Caribe, da África e da Ásia é que proveio grande parte da energia que move esse mundo seja na forma da matéria petróleo, seja do ouro, da prata, das riquezas minerais ou agrícolas que, sabemos, nunca é só matéria mas, também, trabalho (e não há trabalho sem energia) servil, escravo ou sub-assalariado” (PORTO-GONÇALVES, 2002, p. 234).

Diante da existência de saberes e paradigmas apresentados pelos “novos” sujeitos mencionados por Porto-Gonçalves, discuta os desafios e possibilidades da pesquisa geográfica.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Da Geografia às Geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECENÑA, Ana Ester; SADER, Amir (Orgs) La Guerra infinita: hegemonia y terror mundial. Buenos Aires, Clacso. 2002.

Questão 03

Segundo Christofolletti (1999, p. 1), “Os procedimentos metodológicos utilizados na análise dos fenômenos estão relacionados com a natureza do objeto de estudo e com a visão-de-mundo adotada pelo cientista. Ao lado da estrutura conceitual há necessidade de que haja disponibilidade da instrumentação tecnológica para a coleta de informações e efetiva ação analítica. O desenvolvimento tecnológico possibilita a produção de novos equipamentos mais capazes e adequados às pesquisas científicas, favorecendo ampliar a obtenção de dados, a compreensão, o diagnóstico e o manejo dos sistemas de organização complexa.

“A abordagem holística sistêmica é necessária para compreender como as entidades ambientais físicas, por exemplo, expressando-se em organizações espaciais, se estruturam e funcionam como diferentes unidades complexas em si mesmas e na hierarquia de aninhamento”.

Na geografia é inegável que há um maior embasamento tecnológico disponível, assim como muitos estudos vêm sendo embasados na abordagem holística sistêmica.

Explique e exemplifique como um estudo de cunho geográfico pode ser desenvolvido tendo como apoio o uso de técnicas e embasado na abordagem holística sistêmica.

CHRISTOFOLETTI, A. Modelagem de sistemas ambientais. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.

Questão 04

Para Haesbaert (2014), no “capitalismo mais flexível” o acirramento da precarização e das desigualdades sociais é acompanhado pelo aumento da violência e pela mobilidade de “grupos subalternos” que, perdendo o controle sobre seus territórios, tornam-se alvo de medidas de contenção. Para o autor, “uma das características do termo contenção, (...), hoje é que ele dá conta, justamente, do caráter sempre parcial, provisório e paliativo do fechamento, ou melhor, do efeito-barragem que cria através das tentativas de contenção dos fluxos – que, contidos por um lado, acabam por encontrar outro “vertedouro” por onde possam fluir. (...). Trata-se, como numa versão inglesa do termo (ao lado de containment) – restraint, de um mero constrangimento, de uma

restrição ou repressão que deixa sempre a possibilidade de uma reconstituição em outras bases, através de outros espaços” (HAESBAERT, 2014, p. 216).

Sob esse prisma, por exemplo, o autor busca entender as formas recentes de tentativa de controle dos fluxos desencadeados pela circulação da população em uma cidade como o Rio de Janeiro.

Assim, se é certo que o binômio violência-insegurança é gerador de um conjunto de medidas de contenção daqueles considerados indesejados também é verdadeira a existência e permanência das “dinâmicas de contornamento e resistência” que envolveriam “um conjunto de táticas e/ou estratégias de desvio na intenção de contornar, ou seja, de escape ou fuga ‘lateral’, sem enfrentar a questão em suas bases” (HAESBAERT, 2014, p. 288).

Ou numa referência a Marcelo Lopes de Souza (2013), poderíamos pensar tais dinâmicas como sendo aquelas práticas espaciais cotidianas que ocorrem em uma escala geográfica muito reduzida – os nanoterritórios – e que expressariam, por excelência, a ação dos oprimidos, constituindo-se na escala dos micropoderes.

Tendo como orientadores os pares conceituais propostos por Milton Santos (2003) em “A Natureza do espaço” (verticalidade-horizontalidade/mundo-lugar/decididores-homens lentos), discorra sobre os processos de contenção dos sujeitos indesejados nas cidades, bem como suas estratégias e dinâmicas de contornamento e resistência nas escalas propostas por Souza (2013).

HAESBAERT, R. Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. São Paulo: EDUSP, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Questão 05

“A expressão espaço geográfico ou simplesmente espaço, por outro lado, aparece como vaga, ora estando associada a uma porção específica da superfície da Terra identificada seja pela natureza, seja por um modo particular como o Homem ali imprimiu as suas marcas, seja com referência à simples localização” (CORREA, 2005, p. 15).

“O que comumente se chama de “espaços de fluxos” na realidade não abrange todo o espaço. Trata-se, na realidade, de um subsistema, formado por pontos ou, no máximo, linhas e manchas, onde o suporte essencial são os artefatos destinados a facilitar a fluidez e autorizar o movimento dos fatores essenciais da economia globalizada. (...) É, aliás, comum que essa noção, aceita como abrangente – mas que na verdade é restrita – de um espaço de fluxos, venha frequentemente acompanhada de uma outra noção, a noção de homogeneização” (SANTOS, 2009, p. 296).

“Não é à toa que, sob inspiração principalmente do filósofo neomarxista Henri Lefebvre, muitos passaram a ver no espaço social, e não mais no espaço geográfico, o conceito central de seu arsenal” (SOUZA, 2013, p. 22).

A transformação na compreensão do conceito de espaço na perspectiva geográfica caminhou *pari passu* à própria evolução dessa ciência. Os anos 1960 e 1970 foram marcados pela perplexidade dos geógrafos mais atentos às questões epistemológicas em função da pluralidade de paradigmas que influenciaram o fazer geográfico de maneira concomitante nesse período. Analise as principais mudanças de método na Geografia durante o último

quartel do século XX e discuta as compreensões de espaço que se desdobraram dos embates epistemológicos desse período.

CORREA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave na Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. Da C.; CORREA, Roberto Lobato. Geografia: Conceitos e Temas. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.15-48, 2005.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. São Paulo: EDUSP, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Questão 06

O estudo das regiões faz parte de uma longa tradição geográfica (PATTINSON, 1964), tendo o conceito de região evoluído e se transformado juntamente com a Geografia ao longo de sua história. Conceitos e metodologias diferenciados emergem de cada grande corrente do pensamento geográfico, atestando a importância e a complexidade desta categoria de análise geográfica.

O termo está associado à ideia de diferenciação de áreas, ou seja, à aceitação de que a superfície da Terra é formada por diferentes áreas entre si. A noção de região contém ainda a ideia de parte de um todo, sendo que este todo pode ser considerado o mundo conhecido que, por um conhecimento socialmente produzido, varia de limite segundo as civilizações (LENCIONE, 2003). Assim, haverá tantas regiões quantos forem os critérios adotados e o objetivo da regionalização.

A etimologia da palavra região, conforme Gomes (2005), está relacionada ao significado de domínio, de relação entre um poder central e um espaço diversificado. Apreende-se disso que, em toda regionalidade há sempre uma proposição política, vista sob um ângulo territorial (GOMES, 2005). No que tange à pesquisa geográfica, o conceito de região foi celebrado e entronizado até os anos 1950 ou 1960 do século XX, porém esse conceito foi, nas décadas de 1970 e 1980, submetido a numerosas críticas, a começar pela objeção levantada por Lacoste em 1976, a propósito da região como um “conceito obstáculo” (SOUZA, 2013, p.135).

As críticas ao conceito de região tiveram continuidade, mas, diferentemente de Lacoste, não com o objetivo de descartar o conceito (SOUZA, 2013), o que tem mantido a Região como um tema sempre presente na academia e também nos debates políticos. Thrift (1996, p. 215), por exemplo, alerta para o fato de que “agrupados em torno da prática de produzir geografia regional, podemos encontrar a maioria dos importantes problemas que a geografia humana enfrenta hoje em dia”, enquanto Haesbaert (2010, p. 15) atesta que a questão regional retoma hoje sua força, em primeiro lugar, pela proliferação efetiva de regionalismos, identidades regionais e de novas-velhas desigualdades regionais (que, de uma maneira ou outra, devem ser atacadas por políticas de base regional), tanto no nível global, mais amplo, como no intranacional.

Considerando o exposto, pede-se que se analise a inserção, evolução, embates e transformações do conceito de Região na Geografia.

LENCIONE, Sandra. Região e Geografia. São Paulo: Edusp, 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de Região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. Da C.; CORREA, Roberto Lobato. Geografia: Conceitos e Temas. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.49-76, 2005.

PATTINSON, William D. The four traditions of Geography. In: Journal of Geography. 63 (5), p.211-216, 1964.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

THRIFT, Nigel. Visando o âmago da região. In: GREGORY, D.; SMITH, G. e MARTIN, R. Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, pp. 215-247.

Questão 07

“Em resumo, o pós-modernismo pode ser considerado uma condição histórico-geográfica de uma certa espécie. Mas que espécie de condição é ele e como deveríamos compreendê-la? É ele patológico ou o presságio de uma revolução dos eventos humanos mais profunda e até mais ampla do que as já ocorridas na geografia histórica do capitalismo? [...]” (HARVEY, 1992, p. 294)

[...]

“Uma das condições principais da pós-modernidade é o fato de ninguém poder ou dever discuti-la como condição histórico-geográfica. Com efeito, nunca é fácil elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente. Os termos do debate, da descrição e da representação são com frequência tão circunscritos que parece não haver como escapar de interpretações que não sejam auto-referenciais. É convencional nestes dias, por exemplo, descartar toda sugestão de que a “economia” (como quer que se entenda essa palavra vaga) possa ser determinante da vida cultural (como Engels e Alhusser sugeriram) ‘em última instância’. O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até que o qual mera procura de lucros é determinante em primeira instância” (HARVEY, 1992, p. 301)

[...]

“O capital é um processo, não é uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas. Suas regras internalizadas de operação são concebidas de maneira a garantir que ele seja um modo dinâmico e revolucionário de organização social que transforma incansável e incessantemente a sociedade em que está inserido. O processo mascara e fetichiza, alcança crescimento mediante a destruição criativa, cria novos desejos e necessidades, explora a capacidade do trabalho e do desejo humanos, transforma espaços e acelera o ritmo da vida. Ele gera problemas de superacumulação para os quais há apenas um número limitado de soluções possíveis” (HARVEY, 1992, p. 317).

Harvey (1992) descreve a oposição entre a pós-modernidade flexível e a modernidade fordista. Em que aspectos essas duas tendências podem ser colocadas em perspectiva antagônica e de que forma tal oposição pode ser superada na construção de uma análise que seja capaz e compreender o fluxo de relações interiores no capitalismo?

HARVEY, D. Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

Questão 08

Segundo Ab´Sáber (2003, p.9): “Todos os que iniciam no conhecimento das ciências da natureza – mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro – atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Na verdade ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. (...) logo, poder-se-ia dizer que as paisagens têm sempre o caráter de heranças de processos de atuação antiga, remodelados e modificados por processos de atuação recente.”

O autor destaca ainda que “o território brasileiro, devido a sua magnitude espacial, comporta um mostruário bastante completo das principais paisagens e ecologias do Mundo Tropical” (AB´SÁBER, 2003, p.10).

Quais são as bases estruturantes que Ab´Saber leva em consideração para definir e delimitar os grandes domínios paisagísticos brasileiros, além disso, escolha um dos domínios paisagísticos brasileiros e demonstre como essas bases foram estruturantes na sua definição e identificação.

AB´SABER, A. N. Os Domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.